

# 21 LIÇÕES DE FILOSOFIA



**DAVID ERLICH**  
**21 LIÇÕES DE**  
**FILOSOFIA**

|  
PARA  
VIVER UMA  
VIDA QUASE  
BOA

# INTRODUÇÃO

## ESTUPIDEZ, VIDA BOA E ACEITAÇÃO DO QUASE

Para quem dedica parte importante da sua vida a persuadir outros de que a filosofia não tem de ser aborrecida, talvez seja má ideia citar, nestas primeiras linhas, um dicionário de etimologia.

Por isso, vou citar dois.

*Estúpido* foi um dos termos escolhidos para o breve *Dicionário da Origem das Palavras*. Orlando Neves conta aí que o seu «significado atual nada tem a ver com a origem»: o latim *stupidu* remetia para «espantoso, assombroso».

Como uma «pessoa assombrada, estupefacta, fica numa postura dúbia», a palavra *estúpido* acabou por se confundir com «imobilidade imbecil» (ficando para a sua palavra irmã, «estupendo», a melhor parte do legado de *stupidu*).

No colossal *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, encontramos o culpado da primeira utilização escrita de *estúpido* no seu corrente sentido pejorativo: foi um filósofo a insultar filósofos. Mais precisamente, Amador Arrais, que clama no quinto dos seus *Diálogos*: «houve filósofos tão estúpidos e rudes que, pelo desuso que tinham de ver a luz, não sabiam firmar seus pés».

Ora, resgatando a aceção original de *estupidez*, este livro apresenta um conjunto de lições sobre filosofia e vida boa que têm como

denominador comum o intento em salvaguardar a maneira certa de ser estúpido: a que acarinha o carácter espantado do humano.

Numa era de pressas em que, ao ritmo de notificações e toques deslizantes sobre a hipnótica superfície de pululantes ecrãs, o tempo nos foge por entre as mãos, talvez a tarefa de viver uma vida boa peça, antes de mais, a estupidez antiga da quietude reflexiva, da serenidade pensante, essa que se dá conta do fascínio que é viver autoconsciente.

De acordo com o geneticista britânico Adam Rutherford, terão conhecido a dádiva da existência cerca de 107 mil milhões de seres humanos. E tu és um deles, caro leitor... Não é simultaneamente estranho e maravilhoso seres o portador dessa singularidade que te foi oferecida? De ora em diante, assim, tratar-te-ei condignamente por *caro existente*.

Essa existência, que para o humano acarreta labor reflexivo, é pois o objeto deste livro. A filosofia não se limita ao problema da vida boa, mas também não será filosofia que se preze caso fuja dessa interrogação.

As lições que se seguem, sublinhe-se, não vêm acompanhadas de instantâneas panaceias, passos salvíficos, redentoras promessas. O trabalho filosófico sobre a *vida boa* exige, pelo contrário, uma aceitação do *quase*. Não o *quase* de quem desistiu de florescer, mas o de quem sabe que o que Cícero chamou *a arte de viver* pede mais a modéstia da insistência do que a glória da consumação.

Estas lições, caro existente, devem ser abordadas, portanto, como hipóteses que com expectativa aguardam pela tua reflexão – não necessariamente pela tua concordância. Encara a leitura que estás prestes a iniciar como uma visita a um inusitado optometrista, que te permitirá olhar para 21 grandes questões do existir humano – desde a morte até ao prazer, da liberdade até à empatia ou da amizade até à rotina – sob as lentes da filosofia.

O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein escreveu nas suas *Investigações Filosóficas*: «eu gostaria de, com o meu trabalho, não

poupar a outrem o esforço de pensar, mas antes, na medida do possível, incitá-lo a pensar por si».

E eu, caro existente, faço minhas as suas palavras, convidando-te a encetar viagem comigo, sujeitando ao teu próprio escrutínio crítico os reptos que te irei lançando.



# 1. IDENTIDADE

*harmoniza os vários que és*

O que se esconde sob um nome próprio? O que queremos dizer quando pronunciamos a palavra «eu»?

Marca-nos a herança de Descartes. «Penso, logo existo» é o lema de um projeto intelectual que não apenas eleva a razão a fundadora da identidade, como considera tal razão indivisível.

Posso duvidar de tudo, mas tenho a certeza de que sou, porque penso ao duvidar. E isso que em mim pensa é núcleo uno.

Uma das piadas secas que por vezes solto é a de que o célebre filósofo francês *dá as cartas*, aproveitando alguma similitude fonética que, pronunciada rapidamente, esta expressão alcança com o nome *Descartes*. Estou certo de que os poucos alunos que sorriem o fazem mais por piedade que fruição. Mas, em minha defesa, há um ponto de partida pertinente nesta pobre tentativa de humor: na autonomia da razão face à tradição e numa matematização do real que abriu caminho aos progressos técnicos de que hoje usufruímos, o racionalismo moderno, de que Descartes é figura cimeira, foi fecunda disrupção.

No entanto, a hipótese que partilho nesta lição, caro existente, é a de que a perspetiva de Descartes, mobilizadora para

o conhecimento do mundo, pode toldar o conhecimento de cada um sobre si mesmo.

Frente ao *eu* enunciado como singularidade puramente racional, podemos contrapor a visão pluralista da psique esboçada pelo primeiro psicólogo da humanidade: Platão.

Se perguntássemos a um literato da Idade Média pelos filósofos pré-socráticos, ele acharia muito estranho – e não só pela diferença nas nossas vestes. Hesitaria um pouco e perguntar-nos-ia se nos estávamos a referir aos filósofos da natureza. É que a designação «pré-socráticos» apenas surge no século XIX, cunhada precisamente para assinalar a viragem temática que Sócrates protagoniza.

Enquanto os pré-socráticos – que inauguram a tradição filosófica ocidental a partir do século VI a.C. – se focavam no *macrocosmos* que nos interpela quando olhamos para o céu, Sócrates aponta a sua interrogação ao *microcosmos* que constitui o espírito humano.

Há que assinalar, em jeito de reserva a esta perspetiva, que a história é sempre a história do que chegou até nós; a da filosofia não é exceção. E, enquanto da filosofia pré-socrática apenas restaram fragmentos, a era clássica, à qual Sócrates pertence, legou-nos obras acabadas.

No entanto, nenhuma delas é de Sócrates.

Não deixou nada escrito, o excêntrico que, pelas ruas de Atenas, provocava concidadãos cheios de certezas. Considerava que fazê-lo cristalizaria aquilo que só fluido pode ser: o pensamento.

Numa pólis instável e decadente, este homem preenchido de interrogações torna-se demasiado incómodo. É acusado de não adorar devidamente os deuses e corromper a juventude. No tribunal, defende-se com mais autenticidade do que eficácia e é condenado à morte. Tudo parece estar resolvido quando um dos seus

discípulos suborna os guardas para deixar Sócrates fugir. Mas o mestre rejeita. Em 399 a.C., ano que simbolicamente também assinala o término do século de ouro da cidade de Péricles, morre o filósofo.

Porém, a comunidade cedo se arrepende. Dos três acusadores, um é executado e dois são expulsos. E nasce um género literário que homenageia o homem antes maldito: o diálogo socrático.

Aquele que mais longe levou este género foi Platão, ultrapassando em muito a mera homenagem e aproveitando a figura do mestre, aliás, para veicular as suas próprias ideias.

Se, nos primeiros diálogos de Platão, o aluno é porta-voz do professor, nos posteriores é a personagem do professor Sócrates que se assume como porta-voz das ideias do estudante, entretanto emancipado.

O Sócrates histórico, figura predominantemente interrogativa, transforma-se no Sócrates platónico, afirmativo teorizador.

É nos diálogos *A República* e *Fedro* que este Sócrates-marionete-de-Platão nos oferece uma interessante cartografia da alma.

É *A República* um texto político? A cidade é aí metáfora para o que Platão queria dizer sobre a alma, ou a alma metáfora para o que Platão queria dizer sobre a cidade?

As duas leituras são possíveis. Agora, seguiremos a primeira, focando-nos na psique e deixando a pólis entre parêntesis.

Inicialmente, as considerações platónicas sobre a alma assentam numa conceção bipartida: «na alma do homem, há duas partes».

Quando a melhor domina a pior, «chama-se a isso “ser senhor de si”».

Quando «a melhor parte, que é a mais pequena, é dominada pela multidão da pior», eis o «escravo de si mesmo».

Essa melhor parte é mais pequena por ser mais pura. A pior parte é multitudinária, pois é região pulsional, o caos do impensado.

Esta perspectiva dual não parece muito distante do império do eu pensante postulado por Descartes. Porém, mais adiante n' *A República*, o posicionamento platónico evolui: «a alma possui em si três partes».

Mantém-se a referência à mais elevada parte, através da qual a alma raciocina e aprende. E também à parte mais rasteira, irracional, que faz com que busquemos «os prazeres da alimentação, da procriação e os outros do mesmo género», sentindo «o flutuar e a titilação dos desejos».

Mas surge agora uma terceira parte: a força de ânimo. Numa psique bem-educada, este ímpeto vital sabe por que lado optar: «quando há uma luta na alma, ele toma armas a favor da razão».

Assim, só estamos perante uma pessoa de sábio temperamento quando temos diante de nós – e este *diant*e pode ser o espelho em que nos olhamos antes de sair de casa – alguém que, na sua «atividade interior, aquela que verdadeiramente respeita a si mesmo», harmoniza «os três elementos da sua alma».

Essa harmonia exige uma hierarquização: a razão orienta a força que doma os prazeres.

A subversão desta hierarquia é confusão, torpeza, «uma espécie de guerra civil na alma».

Platão era maroto: as personagens dos seus diálogos são muitas vezes pessoas reais, provavelmente incluídas no texto sem que o autor pedisse autorização.

Se, n' *A República*, os principais interlocutores de Sócrates são Gláucon e Adimanto, irmãos de Platão, em *Fedro*, tal honra cabe àquele que dá nome ao diálogo e que, cerca de vinte anos mais velho que Platão, partilhava com este a origem nobre e a pertença à *entourage* de Sócrates.

O filosofar do mais desafiante deambulador nascia do diálogo possibilitado pelo encontro inesperado. Narrada na primeira

pessoa, *A República* inicia-se quando o filósofo, no caminho de subida do Porto do Pireu para Atenas, é convidado, no meio da rua, a ir a uma tertúlia na casa de um abastado mas austero comerciante.

Também o *Fedro* começa no meio da rua, quando este se prepara para um passeio fora das muralhas. De interpelado, Sócrates passa a interpelador, oportunidade para pensar criticamente que Fedro acolhe, convidando Sócrates a encetar consigo a caminhada. Esta cedo desemboca num plátano copado. À sua sombra, sentam-se os dois a dialogar.

Platão – pela boca de Sócrates, claro está – admite que «dizer o que alma é exigiria uma exposição de todo em todo divina», pelo que o que está ao seu alcance é tão-somente «dizer ao que se assemelha». A alma é similar, pois, «a uma força que une uma biga alada e o seu cocheiro». Dos dois cavalos que puxam a biga, um é «belo e bom», o outro apresenta «natureza contrária».

«É difícil e penoso o ofício de cocheiro em nós», conclui Platão.

Há uma subtil diferença entre as concepções da alma n' *A República* e em *Fedro*.

Na primeira, o eu pensante é instância superior que deve dominar o ímpeto, que tem como função, por sua vez, subordinar o prazer.

Em *Fedro*, a alma, unindo a consciência-cocheiro ao corpo-carroça, exerce o pensamento como zona intermédia, área de negociação, mediação almejante do equilíbrio que evita a queda.

A 11 de maio de 1933, na Praça da Ópera, em Berlim, Goebbels incinera milhares de livros de autores judeus. Quando a notícia chega a Viena, Freud solta: «Que progresso! Na Idade Média, queimaram-me iam a mim; hoje, contentam-se com queimar os meus livros.»

Freud abandonará a capital austríaca no mesmo ano que o meu avô Ruwin – o primeiro na direção do Reino Unido, o segundo atravessando o Atlântico rumo à Argentina.

«Destruidora da alma», assim fora apelidada pelos nazis a teoria de Freud. No entanto, apesar de revolucionária em muitos aspetos, a perspetiva freudiana tem antecedentes... em Platão.

Di-lo Henry Gleitman, autor de um manual universitário de psicologia, surpreendentemente intitulado *Psicologia*:

O filósofo grego Platão antecipou a visão tripartida da psique de Freud, em cerca de dois mil anos. Num dos seus diálogos, comparou a alma a um carro puxado por dois cavalos, muitas vezes em direções opostas.

As semelhanças vão mais longe: tal como Platão, como acabámos de ver, nos legou duas perspetivas sobre as partes da alma, também Freud desenvolveu dois pontos de vista, que designou por *tópicas*.

A publicação fundamental da segunda tópica freudiana é *O Ego e o Id*.

Se para Platão o eu racional é vértice de tensão entre a nobreza de um cavalo e a baixeza de outro, para Freud, o ego é simultaneamente pressionado pelo superego e pelo *id*.

O *id* – isso em latim – é um núcleo primitivo inconsciente, constituído por poderosas forças pulsionais e que, «guiado pelo princípio de prazer», «sente as tendências eróticas como necessidades».

Cedo no desenvolvimento da personalidade, o *id* é forçado a compreender que não pode ter tudo aquilo que quer. Impõe-se o princípio da realidade que rege o ego. O ego é entendido como «uma organização coerente de processos mentais» que existe «em cada indivíduo», «instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes» (longe, portanto, do sentido negativo que a palavra por vezes recebe nas conversas quotidianas).